

Educação esquece colégio de aplicação

Abandonar experiências bem-sucedidas pelo caminho faz parte da conturbada trajetória da educação brasileira. Responsáveis pela formação, nos anos 60, de uma seleção de personalidades e empresários bem-sucedidos, o colégio de aplicação da Universidade de Brasília, onde estudou o presidente eleito Fernando Collor de Mello, e seu congénere da Universidade de São Paulo, que formou a futura ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, são um símbolo da situação em que o novo governo vai encontrar a educação no país.

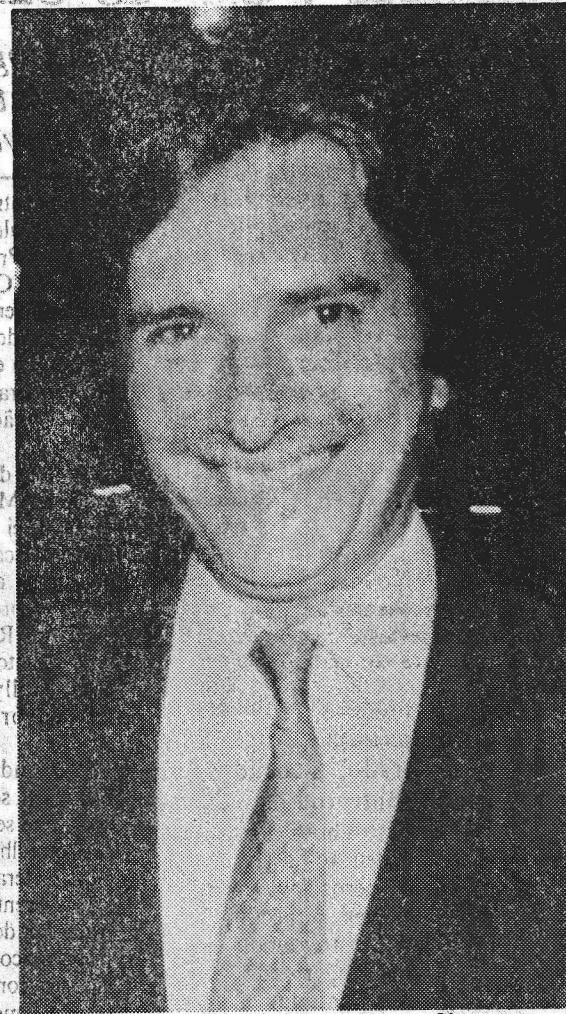
Embora reunissem duas almejadas qualidades do ensino — ser público e ser bom — os dois colégios não existem mais. O Centro Integrado de Ensino Médio (Ciem), da Universidade de Brasília, foi fechado e o Colégio de Aplicação da USP abandonou suas propostas e passou a integrar a rede pública comum.

Criado no início do regime militar, em 1964, e fechado em 1971, o Ciem fugia aos padrões convencionais, adotando como metodologia principal a *liberdade com responsabilidade*, frase citada em discursos de campanha de Collor de Mello. Baseado em métodos de educadores como Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro, era considerado um centro avançado, com inovações que despertaram sentimentos saudades em todos os seus ex-alunos, e que até hoje não foram seguidas pelo ensino de 2º grau.

Liberdade — O Ciem foi a primeira escola a adotar o sistema de créditos no ensino. Os alunos, que assistiam às aulas das 7 às 18 horas, tinham liberdade de escolher as matérias que pretendiam estudar, de acordo com a vocação de cada um. Como nas universidades, eram obrigados apenas a cumprir o currículo básico.

Para a professora Terezinha Rösa Cruz, diretora do Ciem durante o ano de 1967, o nível de ensino era um dos melhores já aplicados em qualquer escola do país. As disciplinas eram desdobradas e Língua Portuguesa, por exemplo, foi dividida entre redação, orientação da leitura, literatura e gramática. Apesar do ensino gratuito, só conseguiram ter acesso à escola alunos da classe média alta, que passavam no rigoroso teste de seleção porque apresentavam uma melhor preparação.

O Centro Integrado de Ensi-



Collor cursou o Ciem de Brasília



Zélia formou-se no Aplicação da USP

nho Médio fechou as portas enquanto alunos e professores estavam em férias. "Foi um surpresa. Encontramos o prédio vazio. Todos os móveis e equipamentos de ensino, inclusive o material usado nos laboratórios, foram entregues aos centros acadêmicos da UnB", lembra a ex-diretora do Ciem.

Até hoje, ela não entende por que o governo resolveu fechar a escola. "Alguns acham que foi por causa da metodologia, que tinha como objetivo fazer o aluno pensar; outros acreditam que o fechamento estava relacionado com o desinteresse do governo com o desinteresse do governo de apoiar financeiramente os colégios de aplicação", explica a professora, que, junto com professores da UnB, está preparam

do um projeto que propõe imprimir às escolas de 2º grau metodologia semelhante à do Ciem. "Esse é o único método que conheço onde o índice de reprovação é quase nulo e a aprovação dos alunos no vestibular supera os 70%", conta a professora.

O futuro ministro da Educação, senador Carlos Chiarelli, desconhece o tipo de ensino aplicado no extinto colégio brasileiro. "Estudei no Rio Grande do Sul", justifica.

Recuo — O fechamento do

Colégio de Aplicação da USP também é tido como um grande recuo no desenvolvimento educacional do país, principalmente para os herdeiros das inovações promovidas durante os 12 anos de vida da escola, quase todos diretores de colégios da rede privada. Uma das primeiras invasões de escolas contra a demissão da diretoria foi a liderada pelos alunos do Colégio de Aplicação, em 1967, quando o colégio, raiz das chamadas escolas renovadas brasileiras e um dos pontos de apoio do movimento estudantil nacional, agonizava.

Até a morte da escola, em 1969, passaram por ali cabeças como a da futura ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello; a de seu colega de profissão, o economista Périco Arida, um dos pais do Plano Cruzado; e a do ator e diretor de teatro Cacá Rosset, aclamado pela crítica especializada por sua fina ironia.

"Queríamos nos preocupar em ajudar o aluno a aprender a aprender, desenvolvendo sua consciência crítica e levando-o à fonte do conhecimento", resume saudoso o pedagogo Clóvis Bojikian, de 55 anos, diretor do colégio, entre os anos de 1966 e 1967, justamente o período considerado mais conturbado na vida da escola.

Derrota — A metodologia — privilegiando o trabalho de equipe, a pesquisa, a crítica e a criatividade —, que resultou na consistente formação cultural de tantas personalidades, não tinha agrado à sociedade e, sobretudo, às autoridades da época. "As crianças começavam a contestar o sistema, o poder familiar, e queriam ter mais esclarecimentos sobre tudo", lembra Bojikian.

Pressionado por pais, educadores e até mesmo por professores da Faculdade de Filosofia, onde nasceu a linha adotada na escola, Bojikian decidiu abandonar o cargo (hoje é diretor de recursos humanos da Semco, a metalúrgica de Ricardo Semler, considerado moderno e liberal nos meios empresariais). "A ala da vanguarda perdeu", lamenta o professor de Geografia Paulo Pedro Perides, assistente de direção no Aplicação entre 1963 e 1969.

Para frustração maior dos idealizadores da escola, a derrota veio antes que a vitória maior fosse concretizada. "Pretendímos que a experiência fosse transferida para a rede pública de ensino, mas aconteceu o contrário. O Aplicação acabou virando mais um colégio da rede pública comum", comenta Perides.